



**Semíramis Corsi Silva (2020) *Identidade grega e Império Romano. A Vida de Apolônio de Tiana, de Filóstrato (Século III d.C.)*. Curitiba: Appris, 415p. ISBN: 978-65-5523-265-3. R\$ 65,60**

Camila de Moura (Universidade de São Paulo)<sup>1</sup>  
camilademoura@usp.br

Segundo afirma Filóstrato, no Livro I de sua *Vida de Apolônio de Tiana*, datada do século III d.C., uma das finalidades dessa obra apologética é livrar das acusações de charlatanismo e prática de magia o sábio pitagórico Apolônio de Tiana, que vivera cerca de dois séculos antes e já era cultuado no tempo de Filóstrato por membros da dinastia severiana, em especial pelo imperador Caracala. O papel da magia nessa obra foi o que atraiu em primeiro lugar a atenção da historiadora Semíramis Corsi Silva, professora da Universidade Federal de Santa Maria, que já havia trabalhado o tema em suas pesquisas de Iniciação Científica e de Mestrado. Seu interesse inicial desvirtuou-se, porém, a partir da leitura da vultosa obra filostratiana, como a própria Silva declara no prefácio à sua tese de doutorado, publicada sob a forma de livro pela Editora Appris em 2020. Percorrendo *A Vida de Apolônio de Tiana* em busca de testemunhos sobre práticas mágicas, Silva deparou-se com um panorama bastante complexo, que parecia exigir uma abordagem distinta.

Tomando o livro de Filóstrato como objeto de análise, Silva mobiliza conceitos caros à História Cultural, como *habitus* (Pierre Bourdieu), *hibridismo* (Peter Burke), *representação* (Roger Chartier), *identidade cultural* (Edward

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa Dra Adriane da Silva Duarte. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2021/02513-1.

Said) e *fronteiras* (Peter Burke, Fredrik Barth) para traçar um panorama da época e do projeto de Filóstrato e de sua construção da figura de Apolônio. A tese central de Silva, delimitada de partida e reiterada diversas vezes ao longo do livro, pode ser assim resumida: Filóstrato, mesmo autor da coleção intitulada *Vidas dos Sofistas*, toma por personagem Apolônio de Tiana para, numa operação de *representação*, projetar características e funções que na sua opinião deveriam ser delegadas aos sofistas de seu tempo, grupo que incluía o próprio autor. “É pelos contrastes estabelecidos [em relação ao *outro*] que se constrói e se afirma uma imagem de si próprio”, afirma Silva (p. 338), ecoando a tradição crítica a que pretende filiar-se. Encomendada, segundo o próprio Filóstrato, pela imperatriz Júlia Domna (falecida em 217 a.C.), e publicada muito provavelmente sob o governo de Severo Alexandre (222-235 d.C.), a obra teria, portanto, na visão de Silva, o fito de servir como forma de aproximação das esferas de poder.

O livro está estruturado em quatro capítulos, “Em torno de Filóstrato”, “Em torno da *Vida de Apolônio de Tiana*”, “Sofistas e filósofos no Império Romano de Filóstrato” e “O Império Romano de Filóstrato: O contexto Severiano, as viagens e as funções de Apolônio de Tiana”, além de três apêndices contendo um resumo dos conteúdos de cada livro da *Vida* (Apêndice I), um catálogo da tradição epistolográfica atribuída a Apolônio, com um resumo de cada carta (Apêndice II), e um catálogo geográfico das localidades visitadas pelo sofista (Apêndice III). Há também um Índice Remissivo de nomes e temas, bastante útil em vista do grande volume de referências abarcadas.

No primeiro capítulo, Silva se dedica a inquirir a identidade do autor da *Vida de Apolônio de Tiana* (referida ao longo do livro como VA), apoiando-se, como afirma, em “rigorosas análises documentais”, mas também em “muitas suposições” (p. 37). A assim chamada *questão filostratiana* trata da possível existência de quatro autores homônimos distintos, designados pela crítica como Filóstrato I, II, III e IV, dentre os quais o autor da VA, Lúcio Flávio Filóstrato, ou Filóstrato II, nascido na ilha de Lemnos. A preocupação central aqui é identificar quais das obras atribuídas aos Filóstratos seriam da lavra do autor da VA, de modo a construir uma leitura integrada de sua obra que ofereça suporte à interpretação do texto em questão. Interessa, sobretudo, a conclusão de que se trata do mesmo autor das *Vidas dos Sofistas*, constatação crucial para a argumentação desenvolvida posteriormente. No entanto, em contraste com a

atenção minuciosa dedicada à análise da bibliografia em torno de cada obra e das evidências epigráficas e iconográficas a respeito dos Filóstratos, quando se trata de defender a atribuição de autoria das *Vidas dos Sofistas* ao Filóstrato autor da VA, os argumentos são escassos. Afirma-se, simplesmente, que o próprio Filóstrato se diz autor das duas obras no Prefácio das *Vidas dos Sofistas* (p. 45) e que tal informação é corroborada pela *Suda*, sendo que em outros casos declarações diretas do autor são descartadas como puros artifícios retóricos e a autoridade da *Suda* é questionada ao longo de todo o estudo. Os critérios de atribuição tampouco são explicitados satisfatoriamente: fala-se em “temáticas em comum” (p. 39), “características linguísticas e literárias, uniformidade de estilos e de artifícios utilizados” (p. 67) e traços de “linguagem, estilo e *espírito*”, isto é, uma “forma de descrição e posicionamento do autor” (p. 79). Ainda que a bibliografia apresentada seja por vezes peremptória e que estejamos pessoalmente de acordo com as conclusões de Silva, parece-nos que seria necessário atualizar ou desenvolver melhor esses critérios – perigosamente semelhantes aos antigos critérios de autenticidade formulados por São Jerônimo –, tendo em vista sua centralidade para a tese em questão. De outro modo, tomando o autor como certo “nível constante de valor”, “unidade estilística” ou “campo de coerência conceitual ou teórica”, para retomar as palavras de Foucault em “O que é um autor?”,<sup>2</sup> corre-se o risco de se construir sobre alicerces frágeis.

No segundo capítulo, Silva se dedica a perscrutar o gênero literário em que a obra se insere, sua datação, público e fontes, além das perspectivas historiográficas mais atualizadas a seu respeito. Classificada ora como biografia, ora como romance, hagiografia, aretologia ou ainda como um gênero híbrido que amalgama características de todos esses, a VA, com sua extensão notável, apresenta-se à crítica como uma verdadeira quimera literária. Confrontando as visões de autores que defendem uma e outra categorização, Silva conclui tratar-se de uma “obra de natureza biográfica com exagerados elementos de ficção” (p. 107). Apesar da observação pontual de que elementos pretensamente factuais e ficcionais com muita frequência se misturam nas biografias antigas (p. 107), parece haver certo desconforto em assumi-lo, já que é recorrente o uso de termos como “invenção”, “exagero ficcional” e “criação filostratiana” em oposição a certo

---

<sup>2</sup> M. Foucault (2005) O que é um autor? In: *Estética: Literatura e pintura, música e cinema (Ditos & Escritos III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 281.

“fundo de historicidade” (p. 101) insondável. A comparação entre o Apolônio filostratiano e o Apolônio da coleção de *Cartas* que chegaram aos nossos dias é particularmente minuciosa e aponta caminhos de interpretação bastante interessantes, apesar de revelar certa preocupação deslocada com um “Apolônio histórico” (ideia reiterada na Conclusão, p. 338-9). Parece-nos, a esse respeito, que trabalhos mais recentes em torno às *Vidas* antigas poderiam oferecer subsídios valiosos para pensar o uso da ficcionalidade por Filóstrato, já que a tendência mais recente do campo é assumir a ficcionalização como *característica* do gênero biográfico na Antiguidade.<sup>3</sup> Cabe destacar que Silva se opõe aos célebres argumentos de autores como Tim Whitmarsh e Simon Swain,<sup>4</sup> que buscam ver na caracterização de Apolônio como homem divino (θεῖος ἀνὴρ) a construção de um adversário pagão de Cristo, defendendo que tais argumentos estariam calcados na leitura de polêmicas posteriores à escrita da obra, em especial a partir do século IV d.C., quando a figura de Apolônio passa a ser evocada frequentemente nas disputas entre cristãos e não cristãos.

No terceiro capítulo, Silva foca sua atenção na sofística, em sua ressurgência no Império Romano dos séculos I a III d.C. sob a denominação de Segunda Sofística (a menção mais antiga ao termo encontra-se justamente na coleção das *Vidas dos Sofistas* atribuída a Filóstrato) e em suas representações na obra do autor. Silva utiliza frequentemente o termo “intelectual” (p. 163) para se referir aos sofistas como πεπαιδευμένοι (*pepaideuménoi*), i.e., aqueles que receberam a *paideia* grega e que são encarregados da sua transmissão. O sofista de Filóstrato, afirma a autora, dedica-se a uma série de atividades político-administrativas para além das funções protocolares tradicionalmente atribuídas ao grupo, como a realização de discursos públicos e o ensino da retórica. Temos, assim, sofistas atuando como sátrapas, magistrados, secretários imperiais, embaixadores, governadores de províncias etc. Tais representações, extraídas sobretudo das *Vidas dos Sofistas*, estariam interessadas na elevação da categoria a que pertenceu Filóstrato e revelariam sua própria visão a respeito dos papéis que os sofistas estariam aptos a desempenhar no contexto imperial. Cabe notar,

<sup>3</sup> Cf., p. ex., K. de Temmerman & K. Demoen (eds) (2016) *Writing Biography in Greece and Rome: Narrative Technique and Fictionalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>4</sup> P. 151-152, cf. T. Whitmarsh (2007) Prose literature and the Severan dynasty. In: S. Swain, S. Harrison & J. Elsner (eds) *Severan Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 50; S. Swain (2009) Culture and nature in Philostratus. In: E. Bowie & J. Elsner (eds) *Philostratus*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 37.

como observa a autora, que os sofistas do período severiano advinham majoritariamente das regiões orientais do Império, dedicando-se, não obstante, à transmissão de uma cultura grega idealizada, referida ao “passado glorioso das póleis” (p. 166), tendência expressa, por exemplo, no fenômeno do aticismo. Para Silva, esse *uso do passado* por autores da Segunda Sofística não revelaria um escapismo nem marcaria uma oposição ao poder romano, tese defendida por alguns estudiosos. Tratar-se-ia antes da afirmação de uma *identidade cultural* grega, associada inextricavelmente à aquisição da identidade e da cidadania romanas. Os sofistas estariam, portanto, “comprometidos em construir um presente a partir de uma visão arcaizante do passado” (p. 172).

Silva trata também, numa das passagens mais instigantes do livro, das diferenças na representação de filósofos, sofistas e retores durante o período do Principado a partir da iconografia e da historiografia da época, com um detalhamento das funções comuns e particulares a cada grupo. Escassos são, porém, os exemplos da VA utilizados aqui para ilustrar os argumentos da autora, calcados sobretudo na leitura das *Vidas dos Sofistas*. Além disso, causa estranhamento a afirmação de que Filóstrato projeta em Apolônio o sofista que ele próprio era e, além disso, “transforma-o em sábio, ultrapassando os limites do gênero biográfico” (p. 219). Não parece exato dizer que tal construção ultrapasse os limites de um gênero tão polivalente, figurando antes como uma de suas possíveis finalidades – a de conformar a narrativa da vida de uma personagem a certos tipos éticos. Tampouco há menções a outras *Vidas* de filósofos, sofistas e sábios para além do *corpus* filostratiano, falta sensível a nosso ver já que a comparação com outros textos biográficos (a começar por Diógenes Laércio) poderia revelar a utilização de lugares-comuns e temas narrativos tradicionais.

No quarto e último capítulo, Silva traça um panorama da dinastia dos Severos, buscando compreender como certos aspectos da conjuntura política do período afetaram a composição da VA. Silva avalia que a origem de Septímio Severo, primeiro imperador romano sem ligações familiares com a península itálica, nascido na África Proconsular, e de sua esposa Júlia Domna, de família síria, além das campanhas de expansão do império, a ampliação de relações com povos fronteiriços, a crescente “orientalização” da corte, sobretudo durante o governo de Heliogábalo, e o deslocamento da estrutura imperial foram

determinantes, por exemplo, na ênfase dada por Filóstrato às viagens de Apolônio, que utilizava as habilidades e valores da *paideia* grega como ferramenta de mediação entre diferentes povos e culturas. Para Silva, no entanto, há um exagero da parte do autor na representação de certos governantes, como o rei parto Vardanes e o indiano Fraotes, como profundos conhecedores da língua grega e praticantes de hábitos helenizados. Segundo a autora, tratar-se-ia de uma afirmação identitária da parte de Filóstrato. Também são apresentadas, com base em fartos exemplos textuais, as duas principais funções administrativas desempenhadas por Apolônio na *Vida*: a de intermediador cultural, função que implicava, entre outras atividades, a mediação de conflitos e o apaziguamento de revoltas por meio do uso retórico da palavra, além do ordenamento de cultos religiosos; e a de conselheiro de governadores romanos e monarcas estrangeiros, entre os quais os imperadores Vespasiano e Nerva (o que faz de Apolônio um *amicus principis*), e o rei Vardanes, aconselhado por Apolônio a respeito dos conflitos romano-partos que grassaram na época de Filóstrato. Silva logra demonstrar com isso como as funções atribuídas a Apolônio respondem muito mais às preocupações do tempo de Filóstrato que às do de Apolônio, cujo período de atividade marcou a transição entre as dinastias flaviana e nervo-antonina.

Cabe observar que o livro de Silva ganharia com uma revisão atenta. Além de muitas gralhas, algumas delas graves (p. ex. “seringa” em lugar de “siringe”, p. 255), verificamos que há notas incompletas ou lacunares (p. ex. nota 10, p. 39), inconsistências na transliteração de termos gregos (compare-se, p. ex., a transliteração de Τυανέα por Tuanea, p. 94, e a grafia Munychia para Μουνυχία, p. 135) e na adaptação de nomes próprios ao português (p. ex. o uso da forma inglesa Stobaeus, p. 125, em lugar da forma portuguesa Estobeu, e de Atenea, p. 75, em lugar de Atena), além de usos desviantes ou inatuais (p. ex. “filo-helênico” em lugar de fileleno e “filo-helenismo” em lugar de filelenismo, p. 169 e 171), decorrentes, muito provavelmente, da utilização de textos de base em língua estrangeira. As traduções, por vezes truncadas e com erros, mereceriam uma edição especialmente cuidadosa, visto que há fartas citações de textos antigos inéditos no Brasil, incluindo a própria *Vida de Apolônio de Tiana*, o *Ginástico* e as *Cartas* de Filóstrato, entre as quais a Carta 73 à imperatriz Júlia Domna (p. 77-8), crucial para o argumento de Silva, além de excertos de Luciano, Dião Cássio, Eunápio de Sardes e outros, de modo que este talvez seja o primeiro contato do

leitor com tais passagens. O leitor especializado também poderá sentir falta de dispor dos textos originais em grego, que poderiam esclarecer eventuais peculiaridades tradutórias. Estes são, porém, problemas pontuais, bastante comuns, ademais, quando avaliamos a publicação de teses acadêmicas sob a forma de livro, prática que mereceria uma reflexão mais minuciosa do que permite o espaço de uma resenha. De todo modo, isso em nada prejudica a fluência do texto de Silva, que tende a ser enxuto, informativo e bem-organizado. Um último problema editorial a ser observado é a legibilidade dos mapas.

Trata-se, em suma, de um trabalho relevante e de amplo escopo sobre um texto inédito e ainda pouco estudado no Brasil. De seu autor, Filóstrato, até onde pudemos verificar, uma única edição encontra-se atualmente em distribuição no país: trata-se de uma tradução parcial das *Imagens*, de autoria de Rosângela Amato, intitulada *Amores e outras imagens*, pela Editora Hedra (2012). Assim, consideramos que o livro de Silva vem a cumprir uma importante função dentro do campo em que se insere, e esperamos que a sua publicação incite outros pesquisadores ao estudo e à tradução de Filóstrato. A obra não pretende, porém, fornecer um comentário detalhado nem uma apresentação sistemática da *Vida de Apolônio de Tiana*, razão pela qual não o recomendaríamos como texto introdutório à obra desse autor. O leitor que desejar, por outro lado, ambientar-se no mundo que forneceu as condições de possibilidade para a sua escritura, encontrará farto material para reflexão.

*Data de publicação: 03/10/2022*